

# A CATEGORIA TOTALIDADE NA PESQUISA DA DIVISÃO SEXUAL DO TRABALHO

Hugo Leonnardo Cassimiro\*

Palavras-chave: totalidade, divisão sexual do trabalho, materialismo histórico.

## Introdução

A divisão sexual do trabalho é uma área temática da sociologia do trabalho. A abordagem metodológica desse tema a partir do conflito (HIRATA, 2002; ALBUQUERQUE, 2007) encontra referências no materialismo histórico dialético, referencial teórico metodológico a que este trabalho pretende contribuir.

A categoria totalidade é um dos recursos heurísticos desse método. Implica em considerar o conjunto das relações sociais constituintes da sociedade e explicar a realidade de forma articulada e não isolada (VIANA, 2007a). A divisão sexual do trabalho, tomada nesse sentido, é um elemento, uma relação social presente nesse conjunto a que consideramos, por esse método, totalidade. Esse estudo pretende também contribuir com a discussão metodológica sobre o materialismo histórico dialético e sua possibilidade de uso na investigação da referida área de estudo.

## Metodologia

Uma tal reflexão metodológica requer retomar pressupostos teóricos do materialismo histórico dialético que a sustentam. As proposições metodológicas de Marx e de desenvolvedores de sua teoria e metodologia originais são necessárias nesse empreendimento. Tão importante é a exposição das contribuições de pesquisas que se aproximam dessa proposta e que foram apenas inicialmente indicadas. Por fim, a própria articulação entre totalidade e divisão sexual do trabalho contemporânea aprofundará essa discussão ao propor a interação metodológica entre o tema e a análise do atual regime de acumulação de capital.

Pesquisas recentes sobre o tema compõem o corpo de fontes que sustentam a reflexão proposta. De forma central, trabalhos da sociologia francesa, da sociologia latino-americana e da sociologia brasileira (HIRATA, 2001, 2002; ABRAMO & ABREU, 1998).

## Resultados

A categoria totalidade está presente na obra de Marx e outros desenvolvedores de sua teoria e método originais. Entretanto, a reflexão metodológica acerca da mesma foi pouco apresentada nos textos publicados de Marx. Ela é mais presente na própria explicação do autor dos fenômenos que pesquisou. Há apontamentos desse procedimento metodológico, ou de sua necessidade, na crítica direcionada à Hegel, aos jovens hegelianos, à economia política e aos socialistas utópicos (MARX & ENGELS, 2007; KORSCH, 2008; VIANA, 2007a, 2007b).

Assim, uma concepção de totalidade pode ser resumida da seguinte forma:

A totalidade, para o materialismo histórico-dialético, é a sociedade. Mas toda totalidade é composta de partes. As partes que constituem a sociedade são o modo de produção dominante, os modos de produção subordinados e as formas de regularização das relações sociais. Tais partes, por sua vez, podem ser subdivididas em outras partes. Mas elas estão necessariamente ligadas uma à outra, formando uma totalidade. O que caracteriza a concepção marxista da totalidade é a ideia de que entre as partes que compõem o todo existe uma relação necessária e que o resultado desta relação entre as partes é a totalidade. Essas partes, desta forma, exercem 'múltiplas determinações' sobre a totalidade, ou seja, sobre essas partes reunidas. Acontece que uma dessas partes exerce uma 'determinação fundamental' sobre as outras, ou seja, sobre a totalidade. A própria totalidade é uma derivação desta parte fundamental (VIANA, 2007, 106).

\*Graduado em História, mestrando no Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de Goiás, bolsista Capes, hugo.leonnardo@ymail.com.

As relações sociais que os seres humanos concretos estabelecem entre si são pensadas integradas numa totalidade em que não se pode pensar um fragmento sem localizá-lo nesse conjunto de relações. A divisão sexual do trabalho estudada a partir desse método é uma relação social entre outras criadas e vividas cotidianamente. A divisão sexual do trabalho é então a forma como as relações sociais de sexo estão estabelecidas nas relações de produção/reprodução da vida material. Nesse sentido, o estudo do tema restrito à uma sociografia dessa divisão na linha de produção de mercadorias, ou a pesquisa em locais isolados da produção direta, torna-se um empecilho à consciência da totalidade de relações que envolvem a temática. É necessário a articulação das relações sexuais na produção/reprodução da vida material, as formas de regularização dessas relações e as formas de consciência equivalentes.

As pesquisas sobre a divisão sexual do trabalho se intensificaram a partir da década de 1970, sob o impulso dos debates feministas e a entrada de feministas na academia (HIRATA, 2001). Desde então, o que iniciou com a constatação das desigualdades sexuais no trabalho, ganhou novos problemas e metodologias. A inserção do trabalho doméstico como temática de estudo na sociologia do trabalho e outras ciências humanas questionou fronteiras entre campos temáticos até então rígidos; o questionamento de categorias tradicionais na análise da economia abriu caminho para uma revisão crítica dos referenciais; e, a efervescência das discussões em torno do tema acabou por questionar a própria metodologia com que essas pesquisas eram realizadas, defendendo que os procedimentos, referenciais, materiais reservavam resultados que reforçavam a dominação de sexo (HIRATA & KERGOAT, 2007). Dentre os questionamentos, percebeu-se que as representações das relações sociais entre os sexos, ou sexuadas, tinham um papel relevante na reprodução dessas relações; da mesma forma, a precarização sexuada do trabalho foi percebida a partir da análise que considerasse o conjunto dos processos produtivos, nos quais se verificou a existência de postos diferenciados e desiguais dependendo do sexo; por fim, outro elemento notado foi o da associação entre formas de divisão do trabalho que produziam novas configurações da precariedade e exploração do trabalho, o que foi possível com análise que considerasse a dinâmica do capitalismo como um todo.

O debate em torno da temática é bem mais amplo que essas referências elencadas acima. A escolha desses trabalhos, contudo, se deu pela relevância e alcance que possuem. As contribuições, no entanto, carecem de articular a divisão sexual do trabalho com as outras relações sociais existentes no capitalismo e de pensar, dentre as múltiplas determinações que vão sendo expostas, a relação desta com a determinação fundamental da sociedade capitalista. As próprias pesquisas elencadas principiaram a colocar a proximidade entre relações sociais de sexo no trabalho, relações internacionais, “étnicas”, etárias, “raciais” e de classes. Mesmo no que tange ao tema, divisão sexual do trabalho, é preciso pensá-lo para além de uma relação restrita entre homens e mulheres e dialogar com a crítica feminista e LGBT<sup>1</sup> acerca dessas categorias.

### **Conclusões**

Historicamente, novos regimes de acumulação foram constituídos mediante a derrota da classe trabalhadora em seu projeto revolucionário. A luta de classes é um elemento determinante na constituição dos regimes de acumulação assim como o é para os modos de produção. De forma geral, “um regime de acumulação é um determinado estágio do desenvolvimento capitalista, marcado por determinada forma de organização do trabalho (processo de valorização), determinada forma estatal e determinada forma de exploração internacional” (VIANA, 2009, pág. 30). Nesse sentido, as relações sociais entre os sexos no

---

1 Sigla para lésbicas, gays, transexuais, bissexuais, intersexo, travestis adotada por organizações sociais e pela jurisprudência em diversos países, incluso o Brasil.

trabalho ou a divisão sexual do trabalho não pode ser entendida separadamente das relações de trabalho que marcam o regime de acumulação integral.

As transformações ocorridas desde fins da década de 60 até agora tem significado desregulamentação das legislações que garantiam estabilidade às relações de trabalho, ampliação do número de pessoas desempregadas (lupemproletarização), e intensificação da exploração nos países imperialistas e desses sobre os países subordinados. Esses fenômenos tem sido notados nos estudos da divisão sexual do trabalho (HIRATA, 2001, 2002, 2009; HIRATA & KERGOAT, 2007; POSTHUMA, 1998; ABRAMO, 1998). Todavia, a dimensão da exploração articulada com a explicação de sua atual configuração no regime de acumulação integral, o que remete à luta de classes, ou relações de produção, parece ser o elemento ausente em uma análise que pretendesse a totalidade.

### **Referencial Bibliográfico**

ABRAMO, Laís. Um olhar de gênero: visibilizando precarizações ao longo das cadeias produtivas. In: ABRAMO, Laís; ABREU, Alice R. de P (org.). *Gênero e trabalho na sociologia latino-americana*. – São Paulo; Rio de Janeiro: ALAST, 1998.

ALBUQUERQUE, Vivian M. dos S. Divisão sexual do trabalho: complementaridade ou conflito?. Revista Urutágua. Maringá, n. 13, ago./nov. 2007. Disponível em: <<http://www.urutagua.uem.br/013/13albuquerque.htm>> acessado em 03/08/09.

HIRATA, Helena. *Nova divisão sexual do trabalho?*. São Paulo: Boitempo, 2002.

\_\_\_\_\_. Globalização e divisão sexual do trabalho. In: *Cadernos Pagu*. (17/18) 2001/02: pp. 139-156.

\_\_\_\_\_. A precarização e a divisão internacional e sexual do trabalho. In: *Sociologias*, Porto Alegre, ano 11, nº 21, jan./jun. 2009, p. 24-41.

\_\_\_\_\_; KERGOAT, Danièle. Novas configurações da divisão sexual do trabalho. In: *Cadernos de Pesquisa*. V. 37. N. 132. P. 595-609. Set./dez. 2007.

KORSCH, Karl. *Marxismo e Filosofia*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2008.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *Manifesto Comunista*. São Paulo, 1998.

\_\_\_\_\_; \_\_\_\_\_. *A Ideologia Alemã*. São Paulo, 2007.

POSTHUMA, Anne Caroline. Mercado de trabalho e exclusão social da força de trabalho feminina. In: ABRAMO, Laís; ABREU, Alice R. de P (org.). *Gênero e trabalho na sociologia latino-americana*. – São Paulo; Rio de Janeiro: ALAST, 1998.

VIANA, Nildo. *A Consciência da História: ensaios sobre o materialismo histórico-dialético*. Rio de Janeiro: Achiamé, 2007a.

\_\_\_\_\_. *Escritos Metodológicos de Marx*. Goiânia-GO: Editora Alternativa, 2007b.

\_\_\_\_\_. *O Capitalismo na Era da Acumulação Integral*. Aparecida-SP: Editora Ideias e Letras, 2009.